

# 7º Encontro Regional Centro-Oeste de História da Mídia

21 e 22 de novembro de 2024

UFMS - Campo Grande/MS



## Construção do livro-reportagem *Transamazônica* (1970), do jornalista e escritor Fernando Morais<sup>12</sup>

Débora Alves Pereira CABRITA<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS

### Resumo

Este trabalho pretende contextualizar o percurso realizado por Fernando Morais na produção de matérias especiais para o *Jornal da Tarde*. A série resultou na publicação do primeiro livro-reportagem *Transamazônica* (1970), vencedor do *Prêmio Esso de Jornalismo*. A compreensão sobre como as fronteiras sociais de diferentes povos e regiões, abordadas pelo jornalista, podem ter contribuído e/ou interferido na perspectiva do repórter, escritor e autor de outras obras

**Palavras-chave:** Livro-reportagem; Fernando Morais; Jornal da Tarde; Transamazônica.

### Introdução

Nascido em 1946 na cidade mineira de Mariana, no início da década de 1960 Morais radicou-se em Belo Horizonte, onde precocemente iniciou-se na carreira do jornalismo. Em 1966, mudou-se para São Paulo, onde atuou como repórter, redator, chefe de reportagem e editor em diversos periódicos, com especial passagem pelo *Jornal da Tarde*, do *Grupo Estado*, veículo que propiciou seu mergulho e prestígio na grande reportagem (MORAIS, 2010).

A primeira obra, *Transamazônica* (1970), compreende uma série de reportagens escrita por Fernando Morais e Ricardo Gontijo (1944-2022), com fotos de Alfredo Rizutti e análise do economista e embaixador Roberto de Oliveira Campos, publicada no *Jornal da Tarde* na década

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT História da Mídia Impressa integrante do 7º Encontro Regional Centro-Oeste de História da Mídia - Alcar CO 2024.

<sup>2</sup> Estudo compõe parte da Tese de Doutorado intitulada: *Marcas das Dimensões Constitutivas do Jornalismo nas Adaptações dos livros-reportagem Olga (1985) e Corações Sujos (2000) para a Linguagem Audiovisual*

<sup>3</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPGEL/UFMS). Mestre em Comunicação pela mesma instituição e Mestre em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP). Jornalista do SBT-MS de 2001-2023, diretora do documentário “Mirele Geller: Peoa” (2019) email: [debora.cabrira@ufms.br](mailto:debora.cabrira@ufms.br)

# 7º Encontro Regional Centro-Oeste de História da Mídia

21 e 22 de novembro de 2024  
UFMS - Campo Grande/MS



de 1970 e, no mesmo ano, em formato de livro, pela editora Brasiliense. O livro é dividido em três capítulos, sendo que o primeiro deles, *Primeira Aventura na Estrada*, de Fernando Morais, escrito em primeira pessoa. “Fazia um calor de 29 graus, às dez da noite, quando eu, Ricardo, o fotógrafo Alfredo Rizutti e o pernambucano José Denizeti, motorista, saímos de João Pessoa, Paraíba, quilômetro zero da Rodovia Transamazônica” (MORAIS, 1970, p.1). Os autores narram a jornada de percorrer, em dois meses, 5.296 km do traçado original da futura rodovia Transamazônica, na época definida como “maior empreendimento rodoviário já projetado no Brasil” (MORAIS; GONTIJO; CAMPOS; 1970, p. ix).

## Discussão e análises

A tarefa atribuída pelo editor de reportagem do *Jornal da Tarde*, Fernando Portela (1970, p. ix), foi a de que eles deveriam “entrevistar governadores, ministros, flagelados nordestinos, sertanistas, empreiteiros, economistas, traficantes de ouro e pedras preciosas. Vocês devem contar tudo sobre a estrada e o que ela representa para o Brasil”, e para isso teriam também de cuidar das próprias vidas, porque o jornal precisava de uma grande reportagem. O que de fato aconteceu, naquele mesmo ano, a série foi contemplada com o *Prêmio Esso de Jornalismo*, uma das principais marcas simbólicas do capital cultural (BOURDIEU, 1997a; 1997b) do campo jornalístico brasileiro.

Foi nesta missão especial que Fernando Morais, então aos 24 anos, pôde conhecer de perto o flagelo da fome no nordeste e norte do país. Ao longo do relato, Morais descreve a passagem por cidades empobrecidas pela seca, nas quais os habitantes não têm alternativas de sobrevivência. Depois de percorrer os primeiros 70 quilômetros, em Patos, ainda na Paraíba, se deparou com a triste realidade que assolava a região desde 1877. Quase todos os lavradores da cidade, que tinham perdido o rebanho e as pequenas lavouras de subsistência, eram aproveitados nas frentes de trabalho do Exército, junto com o Ministério do Interior e o DNER (Departamento Nacional de Estradas e Rodagem). “Ali mesmo, perto de Patos, encontramos uma dessas frentes de trabalho com mais de 80 homens varrendo uma estrada de terra que seria cascalhada alguns dias depois” (MORAIS, 1970, p. 3), serviço realizado embaixo de sol para

# 7º Encontro Regional Centro-Oeste de História da Mídia

21 e 22 de novembro de 2024

UFMS - Campo Grande/MS



justificar o salário de dois cruzeiros por dia, pagos em mantimentos. Foi uma alternativa infeliz e ineficaz que o Exército utilizou para tentar diminuir o problema da fome dos flagelados nordestinos. Situação encontrada em outras cidades ao longo do percurso, conforme a equipe avançava no semiárido acompanhando o traçado da Transamazônica. “Mesmo que seja para varrer uma estrada de terra, o importante é não deixar que morram de fome os que puderem e quiserem trabalhar” (MORAIS, 1970, p. 4).

O Plano de Integração Nacional, que contemplava a ocupação da Amazônia por nordestinos, a exploração das riquezas naturais, como madeira; e minerais, como ouro; sem estudos técnicos sobre a fertilidade do solo para instalação de colônias agrícolas, com ausência de assistência técnica até para as famílias já residentes nas regiões norte e nordeste, e com pouca análise de custos; foi considerado polêmico e controverso. Um exemplo é a Fazenda Experimental implantada em 1964, em Humaitá, no Amazonas, que recebeu duas mil cabeças de gado e em seis anos restavam 20 doentes contaminados por *piroplasmose*, *tuberculose* e *brucelose*. A Fazenda Experimental não tem nada: nem assistência veterinária, nem plantações, nem qualquer lavoura de subsistência” (GONTIJO, 1970, p. 78). O Plano da Rodovia Transamazônica pegou de surpresa governadores do Nordeste e da Amazônia, “a decisão não foi precedida de estudos de viabilidade econômica, sadio costume que a Revolução de 1964 implantou no país” (CAMPOS, 1970, p. 107).

A viagem de Fernando Morais ao nordeste brasileiro aconteceu em plena ditadura militar, e mesmo diante das críticas, o que o regime precisava na época era de visibilidade social, os brasileiros precisavam saber que o governo estava dando respostas ao problema da seca nordestina, por isso o Plano de Integração tinha mais um *valor simbólico* do esforço nacional, do que de fato uma estratégia eficaz para atingir o objetivo inicialmente planejado que era o de reduzir a fome e a miséria. No Brasil, a Ditadura Militar ganhava corpo por forte influência da política americana que apoiava golpes de Estado na América Latina. O regime socialista estabelecido em Cuba, no final da década de 1950, fez com que os Estados Unidos tomassem providências para que não acontecesse o mesmo nos outros países da região. Os norte-americanos incitaram determinados grupos a empreender o golpe de Estado, além de

# 7º Encontro Regional Centro-Oeste de História da Mídia

21 e 22 de novembro de 2024

UFMS - Campo Grande/MS



financiar e fornecer armas para países como o Brasil. De acordo com Marcondes Filho (1987, p. 58), houve uma sequência de golpes militares no continente latino-americano: depois do Brasil, 1964; Peru, 1968; Bolívia, 1971; Equador, 1972; Chile e Uruguai, 1973; Argentina em 1976, fruto da estratégia defensiva norte-americana. “O maior objetivo dos Estados Unidos era se manter no topo do capitalismo e impedir que o regime socialista implantado em Cuba se alastrasse, pois isso colocaria em risco os mercados de consumo da produção estadunidense” (NANTES, 2015, p. 67).

A trajetória de Fernando Morais na grande reportagem iniciada com *Transamazônica* (1970) frutificou numa carreira reconhecida pelo campo e pela crítica. O jornalista recebeu três vezes o *Prêmio Esso de Jornalismo*, e quatro vezes o *Prêmio Abril de Jornalismo*, um deles em 1976 quando trabalhava na revista *Veja*, junto com Augusto Nunes, pela cobertura das eleições municipais daquele ano; outro em 1978 com a reportagem publicada na *Playboy* sobre a infiltração de espões cubanos na CIA. Em outubro de 2023, foi condecorado no 45º Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, junto com as jornalistas Sônia Bridi e Glória Maria (*in memoriam*). A proposta do Prêmio é homenagear personalidades e profissionais com atuação destacada nas causas relevantes da democracia, da justiça social e dos direitos humanos.

## Considerações

A exemplo do escritor brasileiro Raduan Nassar, autor de *Lavoura Arcaica* e *Um Copo de Cólera*, ao qual os acontecimentos históricos no país influenciaram a escrita destas importantes obras literárias lançadas respectivamente em 1975 e 1978; Fernando Morais também foi arrebatado pela Ditadura Militar no Brasil de 1964 a 1984. Foi neste contexto que, em 1970, foi escalado com os dois colegas repórteres para percorrer os mais de cinco mil quilômetros do traçado da Transamazônica. Na viagem, Fernando Morais, como mencionado anteriormente, deparou-se com a pobreza, a escassez de alimentos, de trabalho e de perspectivas de dias melhores. A Transamazônica representava a esperança de que um dia a infraestrutura, o progresso e o emprego digno alcançariam os inalcançáveis. Fernando Morais viu

# 7º Encontro Regional Centro-Oeste de História da Mídia

21 e 22 de novembro de 2024

UFMS - Campo Grande/MS



pessoalmente a cruel realidade de dezenas de homens famintos e cidades destruídas, saqueadas por retirantes esfomeados que fugiam da seca em busca de alimento, circunstância que ajudaram a forjar seu percurso como autor.

Na relação de livros publicados por Fernando Morais estão: *Transamazônica*, (1970), com Ricardo Gontijo e Alfredo Rizutti; *A Ilha* (1976), *Olga* (1985), *Chatô, O Rei do Brasil* (1984), *Corações Sujos* (2000), *Cem Quilos de Ouro* (2003), *Na Toca dos Leões* (2005), *Montenegro, as aventuras do Marechal que fez uma revolução nos céus do Brasil* (2006), *O Mago* (2008), *Os Últimos Soldados da Guerra Fria* (2011) e *Lula*, vol. 1 (2021). Fernando Morais conta com uma equipe de pesquisadores que realiza o levantamento de documentos históricos e a confirmação de fatos consultando outros personagens, jornais, revistas e periódicos. Pode-se dizer que Fernando Morais conhece todo o processo do fazer jornalístico, a exemplo dos Princípios do Taylorismo (1911), passou pelas etapas de produção, começou “apertando parafusos”, empurrando carro no atoleiro de areia no nordeste brasileiro até alcançar os mais altos cargos da profissão de jornalista.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997a.

BOURDIEU, Pierre. The forms of capital. In: HALSEY, A. H.; LAUDER, H.; BROWN, P.; STUART WELLS, A. **Education, Culture, Economy, Society**. Oxford: Oxford University Press, 1997b.

CAMPOS, Roberto de Oliveira. La Rage de Vouloir Conclure. In.: **Transamazônica**. São Paulo: Brasiliense, 1970.

FILHO, Ciro Marcondes. **Violência Política**. São Paulo: Moderna, 1987.

GONTIJO, Ricardo. Aonde nos leva essa estrada? In.: **Transamazônica**. São Paulo: Brasiliense, 1970.

MORAIS, Fernando; GONTIJO, Ricardo; CAMPOS, Roberto O. **Transamazônica**. São Paulo: Brasiliense, 1970.

NANTES, Flávio Adriano. Literatura e ditadura militar: uma leitura alegórica de Um Copo de Cólera, de Raduan Nassar. IN.: **Estudos e Práticas de Língua, Linguagem e Literatura**. ANDRADE, Letícia P.; GAMA, Anailton de S.; MIQUELETTI, Eliane A. e SANTOS, Clemilton P. (orgs). Cristo Rei: Nova Andradina, MS. 2015, 214 p.